

**NA SOMBRA DE NIETZSCHE: A AUSÊNCIA DE LOU ANDREAS-SALOMÉ NAS
AULAS DE FILOSOFIA¹**
**IN NIETZSCHE'S SHADOW: THE ABSENCE OF LOU ANDREAS-SALOMÉ IN
PHILOSOPHY CLASSES**

Gabriela Borges Casé de Vasconcelos²

Orientação: João Evangelista Tude de Melo Neto³

*Porque há o direito ao
grito. Então eu grito.*
— Clarice Lispector, Água Viva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador, professor Dr. João Evangelista, pelo acolhimento das minhas ideias desde o meu primeiro período na universidade e pelo acompanhamento, dedicação e companheirismo nas diversas etapas acadêmicas da minha trajetória.

Agradeço ao GEN pela colaboração e discussões com a minha pesquisa, em especial, a Leovan Morais, por todo carinho, cuidado e atenção que exerceu comigo.

Agradeço às duas grandes mulheres da minha vida, a minha avó, Terezinha de Jesus Borges Casé, e a minha mãe, Renata Borges Casé, que estiveram ao meu lado durante todo esse processo, mesmo quando os tempos foram difíceis, me ensinando sobre o amor, a coragem e a persistência.

Agradeço ao meu pai, Franco Vasconcelos, por todo suporte durante esses quatro anos e por, apesar de todas as nossas divergências, ter amado e acolhido a filosofia em sua vida.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Dr João Evangelista Tude de Melo Neto e Dra Gabriela da Nóbrega Carreiro, na seguinte data: 12 de dezembro de 2025.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Email: gabriela.case@ufpe.br

³ Prof. Dr. adjunto do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, compõe o Departamento de Filosofia. Email: joaonetofilosofia@gmail.com

Agradeço aos meus primos, João Victor Casé e Sérgio Lyra, por apoiarem todas as minhas teimosias desde quando eu era criança, até quando uma delas se tornou cursar filosofia.

Agradeço ao meu companheiro, Matheus Pereira, por ter sido um lindo presente da filosofia na minha vida, compartilhando todo o seu apoio comigo, seja na vida pessoal ou acadêmica.

Agradeço a minha amiga de infância, Luiza Ferraz, que apesar de seguirmos caminhos distintos, sempre esteve, mesmo de longe, torcendo por mim e fazendo questão de estar presente em cada momento da minha vida.

Agradeço a todos os amigos e professores que cruzaram o meu caminho, tornando todo esse ciclo extremamente único. Em especial, agradeço ao professor Dr. Suzano Aquino Guimarães, ao professor Marcelo Alves Santos, à professora Dra. Gabriela Carreiro e à professora Dr. Roberta Damasceno, que mesmo quando o ambiente era inóspito e exigia frieza, me ofereciam afeto, carinho e amparo.

Por fim, dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso à minha irmã mais nova, Letícia Vasconcelos. Espero que com esse simples trabalho, eu possa ter contribuído, de alguma forma, para que ela se sinta sempre legitimada e respeitada enquanto mulher.

RESUMO

O nosso trabalho tem como objetivo examinar a ausência da filósofa Lou Andreas-Salomé do cânone curricular de Filosofia, investigando as causas que justificam o apagamento de seu pensamento. Apesar de sua produção intelectual abordar temas centrais e que estão de acordo com as competências e habilidades previstas no Currículo de Filosofia do Estado de Pernambuco (2021), como a crítica ao racionalismo, a emancipação das mulheres, a ética da empatia e a afirmação da vida, sua obra permanece excluída das salas de aula. Nesse sentido, uma problemática se faz presente: por que Lou Andreas-Salomé, cuja filosofia dialoga diretamente com os objetos de conhecimento propostos para a formação crítica do sujeito, não é estudada nas escolas? A nossa hipótese é que a filósofa foi historicamente colocada à sombra de Nietzsche, sendo tratada mais como personagem biográfica do que como pensadora autônoma, o que contribuiu para o apagamento de sua relevância intelectual. Para que seja possível levar a cabo a hipótese que propomos, dividimos nosso trabalho em três momentos. No primeiro momento, investigaremos como Lou Salomé é representada na história da filosofia. Depois, realizaremos um breve exame acerca da desigualdade de gênero

no cânone filosófico e no currículo escolar. E, por fim, analisaremos como o pensamento de Salomé poderia integrar o ensino de Filosofia em Pernambuco, contribuindo para uma formação mais plural, crítica e inclusiva.

Palavras-chave: currículo de filosofia; gênero; invisibilização; Lou Andreas-Salomé; Nietzsche.

ABSTRACT

Our work aims to examine the absence of the philosopher Lou Andreas-Salomé from the Philosophy curriculum canon, investigating the causes that justify the erasure of her thought. Despite the fact that her intellectual production addresses central themes that align with the competencies and skills outlined in the Philosophy Curriculum of the State of Pernambuco (2021)—such as the critique of rationalism, the emancipation of women, the ethics of empathy, and the affirmation of life—her work remains excluded from classrooms. In this sense, a problem arises: why is Lou Andreas-Salomé, whose philosophy directly engages with the knowledge objects proposed for the critical formation of the subject, not studied in schools? Our hypothesis is that the philosopher was historically placed in Nietzsche's shadow, being treated more as a biographical character than as an autonomous thinker, which contributed to the erasure of her intellectual relevance. In order to carry out the hypothesis we propose, we divided our work into three stages. In the first stage, we investigate how Lou Salomé is represented in the history of philosophy. Then, we present a brief examination of gender inequality in the philosophical canon and in the school curriculum. Finally, we analyze how Salomé's thought could be incorporated into the teaching of Philosophy in Pernambuco, contributing to a more plural, critical, and inclusive education.

Keywords: philosophy curriculum; gender; invisibilization; Lou Andreas-Salomé; Nietzsche.

1. INTRODUÇÃO

O intuito do nosso projeto é examinar a ausência de Lou Salomé do cânone curricular de filosofia. Enquanto pensadora, a filósofa possuiu uma produção extremamente vasta, desde

livros de literatura e obras filosóficas até textos de psicanálise. De igual modo, também encontra-se na conjuntura de seu pensamento diversos conceitos que se relacionam com temas de grande importância para a contemporaneidade e para a formação crítica do sujeito. Destacamos, por exemplo, sua crítica ao racionalismo, sua defesa de uma ética empática com tudo o que existe, sua luta pela emancipação das mulheres, o ensinamento de uma atitude criativa e autônoma do sujeito frente ao mundo e sua análise crítica frente aos valores tradicionais presentes na cultura ocidental e repassados através da educação. Tais conceitos estão presentes em obras, como: *Minha Vida* (1951), *Sobre o problema do amor* (1900), *O erotismo* (1910) e entre outras.

Considerando esse contexto, acreditamos que o pensamento da filósofa corresponde ao principal objeto de estudo da disciplina de filosofia, isto é, o estudo da condição da existência humana através de uma compreensão de mundo crítica e situada (PERNAMBUCO, 2021, p. 249). Ademais, também se relaciona com as competências/capacidades intelectuais da educação filosófica determinadas pelo próprio *Curriculum de Pernambuco* (2021), quais sejam: 1) Compreensão da Condição Humana, 2) Problematização da Racionalidade Teórica e, por fim, 3) Articulação da Racionalidade Prática, Comunicativa e Emancipatória. A partir dessa constatação, uma problemática vem à tona: apesar de se encaixar nos objetos de conhecimento, nas habilidades e nas competências da disciplina de filosofia, por que Lou Salomé não está presente no cânone selecionado para ser ensinado nas salas de aula? Acontece que, de maneira geral, quase não há citações e estudo de ideias de mulheres filósofas e raramente elas aparecem em livros de filosofia (ROSA, 2006, p. 19). Nesse sentido, a ausência de Lou, sem dúvidas, está ligada a essa desigualdade de gênero que ocorre na filosofia. No entanto, chamamos atenção para algo que, ao nosso ver, fundamenta a invisibilização do pensamento da filósofa: Lou Salomé encontra-se sempre à margem da figura de Nietzsche.

Essa nossa hipótese sustenta-se pelo fato que, ao falar de Lou Andreas-Salomé, essa é sempre abordada pelo viés biográfico como “a mulher que seduziu Nietzsche”. Nos poucos casos em que ainda é considerada dentro de um contexto filosófico, é descrita em um lugar passivo de mera receptora ou discípula do pensamento nietzschiano, nunca sendo levado em conta suas produções autônomas e que a própria Lou Salomé também pode ter exercido certas influências importantes no pensamento do filósofo. À exemplo dessa maneira pitoresca que Salomé costuma ser abordada, destacamos um trabalho que acabou por possuir bastante repercussão e que retrata bem o lugar sexualizado em que a filósofa foi colocada na história

da filosofia. Trata-se da obra *Viúvas abusivas* de Anatole de Monzie. Nessa obra, ele dedica um capítulo inteiro para abordar sobre Lou Salomé. Monzie afirma:

Lou Salomé tinha uma maneira deliciosa de ouvir e enquanto Nietzsche enlevado em vê-la atenta, tomava esperança, ela tomava notas: enquanto ele meditava um amor, ela premeditava uma tese... Essa manobra de coquete estudiosa era-lhe habitual – ela sabia usar de sedução para tirar de suas lições particulares o máximo lucro [...] Para Lou Salomé, o flerte tornava-se método de laboratório. (Monzie, 2016, p. 85).

Sob a ótica do que foi exposto, para que possamos examinar essa ausência de Lou Salomé do currículo de filosofia, dividimos nosso trabalho em três partes que consistem em : identificar a maneira como Lou Salomé é vista na história da filosofia, principalmente, a partir do seu relacionamento com Nietzsche e como isso reverbera no apagamento do seu pensamento; realizar um breve exame acerca da desigualdade de gênero presente no cânone curricular de filosofia, sendo Lou Salomé mais um caso da invisibilização de figuras femininas; e, por fim, investigar como a filosofia de Lou Salomé corresponde e se relaciona com os objetos de conhecimentos de filosofia presente no *Curriculum de Pernambuco*.

2. A MARGINALIZAÇÃO DE LOU SALOMÉ NA TRADIÇÃO FILOSÓFICA

Ao realizar uma pesquisa preliminar acerca de Lou Salomé, a maioria dos resultados encontrados apontam para a relação biográfica e afetiva que ela manteve com Nietzsche. Isto é, não a abordam enquanto filósofa, mas sim pelo vocativo de “uma mulher sedutora” que foi a grande paixão do filósofo alemão. A exemplo disso, destacamos publicações em revistas e artigos dedicados para o grande público e que tiveram bastante repercussão, como o de Cynara Menezes, na *Folha de S.Paulo*, em 1998, em que apresenta Lou Salomé como “uma mulher de olhos azuis” e “lábios sensuais” que desiludiu Nietzsche. Ademais, um famoso texto de Márcio Mariguella, *Os Amigos: Lou Salomé, Nietzsche e Paul Rée*, evidencia essa preferência por uma abordagem pitoresca e prioritariamente biográfica ao enfatizar muito mais a existência de um triângulo amoroso entre os três amigos e o sofrimento de Nietzsche ao fim de sua amizade com Lou Salomé do que o pensamento e as obras da filósofa.

Consideramos que esse cenário contribuiu para a construção de um imaginário popular em relação à pensadora. Ao pensar em Salomé, automaticamente a associamos a Nietzsche ou até mesmo com Freud, Paul Rée e Rilke. Dessa maneira, já que tradicionalmente sua figura está sempre ligada a homens, entendemos que o reconhecimento de Lou Salomé, por ela mesma, em suas obras e conceitos, permanece extremamente nebuloso. E a situação se torna

ainda mais problemática quando nos voltamos para a tradução dos textos da pensadora. Nesse sentido, por exemplo, uma de suas principais obras filosóficas, *Im Kampf um Gott* (1885; *Em combate por Deus*), na qual estão presentes importantes conceitos de seu pensamento, como sua crítica ao cristianismo, a afirmação da vida imanente e a defesa de um comportamento empático com a existência, não possui tradução para o português, além de ser um livro extremamente difícil de ser encontrado.

Diante desse contexto, evocamos a afirmação de Luzilá Ferreira (2000), no intuito de combater o ideário estereotipado e reduzido que gira em torno da figura de Lou Salomé. Ferreira comenta:

Lou Andreas-Salomé é a autora de uns vinte livros, entre romances, poesia, peças de teatro e ensaios, e de uma centena de artigos e resenha em revistas de filosofia e psicanálise. Mas, uma mulher excepcional, antes de tudo, por amar a vida. E o amor à vida, e o desejo de o dizer, de criar, ela o transmitia àqueles aos quais chegavam suas obras. [...] Por isso viajou pela Europa toda, buscando o melhor de seu tempo, livre, emancipada, muitos anos à frente das mulheres do seu século, e, por que não o dizer, do nosso século? (FERREIRA, 2000, p.12-13)

De fato, tanto em suas obras quanto em sua vida pessoal, Salomé se mostrou “à frente do seu tempo” pela coragem de assumir uma postura completamente disruptiva em relação aos costumes predominantes. Isto é, mesmo em uma época em que a sociedade não enxergava as mulheres como intelectuais, na qual muitas tinham de utilizar pseudônimos em seus trabalhos, a filósofa russo-alemã sempre buscou estar ligada aos estudos, à produção e à publicação de textos. Além disso, em seu pensamento abordou o tema do feminino, oferecendo um lugar de grande valorização e importância para a mulher na sociedade, e realizou críticas ferrenhas ao cristianismo e à moral ocidental.

Defendemos, sob esse viés, que Lou Salomé foi uma filósofa extremamente produtiva, mas, no entanto, ainda aparece atrelada à figura de Nietzsche na matriz teórica da filosofia. E, no que diz respeito à relação entre os dois pensadores, é possível afirmar que, apesar de o intercâmbio filosófico ter sido de mútua contribuição, Salomé ainda é enquadrada em uma posição passiva no diálogo com Nietzsche. Isso se demonstra pelo fato de que há fortes evidências de que a pensadora contribuiu de forma ativa para a construção das noções nietzschianas de amor fati e eterno retorno, mas, mesmo assim, essa não é uma questão

suficientemente estudada. A ausência desse tema observa-se, inclusive, nos poucos trabalhos dos pesquisadores e comentadores da filosofia de Nietzsche a respeito do assunto.⁴

É possível analisar a participação de Lou Salomé no desenvolvimento dos dois conceitos tanto nas semelhanças de pensamento presentes nas obras dos dois — como é o caso de *Assim falou Zaratustra* (1883-1885) e *A Gaia Ciência* (1882), em comparação com *Im Kampf um Gott* (1885; *Em combate por Deus*) e *Sobre o amor e o erotismo* (1910) — quanto em informações trocadas em cartas e correspondências. A exemplo disso, apoiamo-nos nos estudos de Dorian Astor (2018), que evidencia cartas de Nietzsche nas quais o próprio reconhece e assume a convergência de ideias com Salomé.

Como é o caso de uma carta enviada por Malwida von Meysenbug a Nietzsche, em que ela afirma, antes mesmo do encontro pessoal entre os dois, que era notória a semelhança de pensamento entre Lou e o filósofo, de modo que Nietzsche certamente se identificaria com as ideias defendidas pela jovem escritora. Ademais, o mesmo autor apresenta um trecho de carta em que o próprio Nietzsche declara que *A Gaia Ciência* foi um prelúdio da chegada de Lou Salomé em sua vida. Ressalta-se a relevância dessa obra em particular, pois é nela que o filósofo introduz pela primeira vez noções centrais como amor fati, a figura de Zaratustra e o seu pensamento mais abissal: o eterno retorno. Acreditamos, nesse sentido, que a afirmação de Nietzsche de que *A Gaia Ciência* representava um sinal da chegada de Lou Salomé significa, em nossa interpretação, o reconhecimento de que a filósofa, por si só, já possuía pensamentos convergentes com sua postura de afirmação da vida.

Nesse mesmo horizonte, Luzilá Ferreira (2000) apresenta uma série de correspondências em que Nietzsche enxerga em Lou Salomé uma interlocutora à altura de sua filosofia, expressando, inclusive, o desejo de tê-la como sua “discípula”, papel, contudo, que Lou jamais aceitou. Além disso, a pesquisadora destaca que o filósofo chegou a utilizar dois textos de Lou Salomé (*Hino à vida* e *Hino à dor*) como “um convite à minha filosofia”, inclusive musicando-os.

Entretanto, a nosso ver, a evidência mais fundamental da contribuição de Lou Salomé nas noções de amor fati e eterno retorno é apresentada pelo próprio Nietzsche, quando assume a participação da filósofa na construção desses conceitos. Tal reconhecimento ocorre em sua autobiografia intitulada *Ecce Homo* (1908). Nesse sentido, ao relatar o surgimento do

⁴ Apesar desse cenário escasso, enfatizamos os estudos realizados tanto por Scarlett Marton (1992) como por Paul Loeb (2022). Apesar de não se aprofundarem na possível influência de Lou Salomé na filosofia de Nietzsche, ainda sim, se dedicaram a abordar a relação entre os dois e a interpretação realizada por Salomé sobre a filosofia nietzschiana.

pensamento do eterno retorno, o filósofo reconhece a participação de Lou Salomé e dá créditos ao seu poema, bem como expressa admirar sua postura de afirmação da vida. Nietzsche declara:

De igual modo pertence a esse intervalo o Hino à vida [...] O texto, seja expressamente notado, porque corre um mal-entendido a respeito, não é meu: é assombrosa inspiração de uma jovem russa com quem então mantinha amizade, a srta. Lou von Salomé. Quem souber extrair sentido das últimas palavras do poema perceberá por que eu o distingui e admirei: elas têm grandeza. A dor não é vista como objeção à vida: “Se felicidade já não tens para me dar, pois bem!, ainda tens a tua dor...” (EH/EH, Assim falou Zaratustra 1, KSA 6.336)

Diante do que foi apresentado, torna-se evidente que Lou Salomé permanece, ainda hoje, situada à margem da história da filosofia, sendo frequentemente reduzida a um papel secundário ou meramente biográfico. A insistência em vinculá-la prioritariamente às figuras masculinas com as quais se relacionou (sobretudo com Nietzsche) contribui para a construção de um imaginário que obscurece sua autonomia intelectual e silencia sua contribuição teórica. Sob esse viés, destacamos a necessidade de recolocá-la no palco filosófico como sujeito pensante e produtora de conceitos. Nesse sentido, estudar Lou Salomé é um exercício de revisão crítica da tradição filosófica, tarefa, sem dúvidas, necessária para ampliar o próprio horizonte do que entendemos por filosofia.

3. BREVE EXAME ACERCA DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO CURRÍCULO ESCOLAR DE FILOSOFIA

É impossível afirmar a neutralidade dos saberes, uma vez que há uma evidente articulação entre saber e poder. Essa relação é perceptível no próprio currículo escolar. A esse respeito, Grazielle Rinaldi da Rosa (2024) relembra que não há educação neutra, a educação é, necessariamente, política. Nesse sentido, os conteúdos, projetos, o cânone selecionado e as práticas escolares são um reflexo direto de um cenário político hegemônico. Sob esse viés, podemos associar não apenas o currículo escolar, mas também o cânone filosófico determinado para a disciplina de filosofia ao patriarcalismo e à colonialidade.

O patriarcalismo, enquanto sistema social, político e cultural, oferece ao homem uma posição central e superior, produzindo uma hierarquia de gênero na sociedade. Já a colonialidade atua como a imposição de uma cultura considerada “superior”, criando um padrão mundial a ser seguido e marginalizando grupos não europeus e outras formas de existir. Ambas podem ser identificadas, ainda que de modo sutil, nas características de gênero,

raça e território presentes no corpo teórico escolhido para o ensino de filosofia. Em relação a esse cenário, Joana Tolentino afirma:

Visamos evidenciar a intrínseca associação entre o cânone filosófico excludente, em suas características geográficas, raciais, de gênero e classe com toda a colonialidade do poder e sua classificação das sociedades e indivíduos, desde a modernidade e a instauração do mercantilismo/capitalismo, a partir de polos dicotômicos. Tais polos foram construídos de maneira excludente, em analogia ao polo central, que difere o ser de todo não ser: brancos X não-bracos, homens X não-homens, heteronormativos X não-heteronormativos, afirmado sempre um polo em detrimento do outro, numa hierarquização restritiva, que jamais poderia ser exemplo da neutralidade dos saberes. (TOLENTINO, 2019, p. 95)

Esses polos dicotômicos citados pela autora são perceptíveis no cânone filosófico escolhido, na medida em que não brancos, não homens e não heteronormativos não se encontram presentes. Por isso, é possível caracterizar o currículo como excludente. Diante disso, a ausência de figuras femininas filosóficas dentro da sala de aula ocorre devido a esse contexto social, marcado pelo patriarcalismo e pela colonialidade, que promove um homicídio epistêmico de seus pensamentos, desconsiderando-as enquanto produtoras de saberes.

Durante toda a história da filosofia, desde a antiguidade, as mulheres estavam presentes enquanto pensadoras, pesquisadoras e escritoras. No entanto, foram vítimas de uma invisibilização fruto de uma sociedade estruturada e fundada por paradigmas patriarcais e colonizadores. Rosa sustenta:

As mulheres sempre estiveram presente nas discussões filosóficas em diferentes momentos da história da filosofia. o que pouco problematizávamos e sabíamos, era o lugar que os homens davam às mulheres na filosofia. A estrutura patriarcal e androcêntrica colocou as mulheres fora do cânone, e do debate. Elas eram mestras, professoras, pesquisadoras, mas não podiam protagonizar. Não assinavam seus estudos e pesquisas, ou ainda eram obrigadas a deixar que os homens assinassem por elas ou falassem suas ideias. (ROSA, 2024, p. 90)

Portanto, embora as mulheres sempre estejam presentes na filosofia, suas contribuições foram silenciadas e o direito de ocupar um lugar de protagonismo foi negado. Trata-se, nesse caso, da desautorização de suas autorias, em que tantas vezes tiveram suas produções roubadas ou apropriadas por outrem — em geral, homens que orbitavam em torno

delas (TOLENTINO, 2019). Considerando tal contexto, esse silenciamento e desautorização do pensamento de mulheres se evidencia tanto no cânone selecionado para a disciplina de filosofia quanto em materiais didáticos. Segundo Tolentino (2019), os manuais filosóficos, os livros didáticos e paradidáticos, bem como as coletâneas historiográficas da filosofia, confirmam empiricamente esse silenciamento das obras filosóficas das mulheres, pois é possível constituir um livro inteiro nesses formatos excluindo absolutamente qualquer voz feminina. Entendemos, diante do exposto, que Lou Andreas-Salomé é mais um caso dessa exclusão e apagamento de figuras femininas do debate e do palco filosófico.

À luz desses fatos, é preciso, sobretudo, procurar justiça cognitiva em relação ao cenário de invisibilização do pensamento de filósofas na filosofia. Isso deve ser feito, principalmente, através das escolhas teóricas e metodológicas do currículo, adotando, assim, uma pluralidade e multiplicidade de modos de filosofar, marcados por uma diversidade de corpos e gêneros. Nesse sentido, a própria filosofia e o ato de filosofar se tornam responsáveis por desempenhar a transformação desse quadro. Em relação a isso, Tolentino apresenta um questionamento:

Não seria um paradoxo a filosofia desempenhar tão raramente a autocrítica, a crítica a si mesma e aos dogmas que a sustentam, quando é tão acidamente crítica com todos os demais saberes? A partir de um movimento de autocrítica em relação ao seu próprio cânone filosófico, será capaz de enxergar a necessidade de autorizar como filósofas as várias mulheres que fizeram filosofia ao longo da história, afirmando como filosóficas suas produções, oriundas de distintas culturas e localidades geográficas. (TOLENTINO, 2019, p. 106).

Sendo a filosofia marcada pelo questionamento, pelo pensamento crítico, pelo discurso argumentativo e pela criatividade na criação de conceitos, cabe à própria filosofia realizar a investigação e problematização de sua referência teórica dominante. É, nesse sentido, com sua criticidade inerente, que o tensionamento do cânone filosófico e a inclusão de outras vozes e epistemologias podem acontecer. O campo da filosofia, portanto, encontra-se diante de um exemplo fértil e de um convite para se reinventar para além da dicotomia entre prática e teoria, tendo a oportunidade de criar para si outros referenciais plurais, diversos e coloridos (TOLENTINO, 2019).

Defendemos que o enfraquecimento do símbolo patriarcal que impera no currículo da disciplina de filosofia possui uma dimensão de extrema importância. Isso porque, ao trazer filósofas mulheres para o ensino de filosofia, impacta-se diretamente a possibilidade de

identificação e reconhecimento por parte de alunas. Quanto a isso, endossamos o pensamento de Joana Tolentino:

Para as mulheres e meninas que se identificam com o saber filosófico ou que minimamente têm aulas de filosofia na educação básica ou no ensino superior, uma maior visibilidade e a valorização dos saberes das mulheres filósofas é uma ação reparadora. (TOLENTINO, 2019, p. 95)

Desse modo, a presença de filósofas no currículo não apenas corrige uma invisibilização histórica, mas fortalece o processo de aprendizagem e de interesse, ao permitir que alunas se reconheçam como sujeitas possíveis de pensar e produzir filosoficamente. O ensino se torna, assim, mais inclusivo, significativo e formador.

4. O PENSAMENTO DE LOU SALOMÉ COMO CORRESPONDENTE AOS OBJETOS DE CONHECIMENTO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA E A POSSIBILIDADE DE SUA PRESENÇA NAS SALAS DE AULA

O principal objeto de estudo da disciplina de filosofia, segundo o *Curriculum de Pernambuco*, é a condição da existência humana, analisada por meio de uma compreensão de mundo crítica e situada, e do homem em suas interações com o mundo, confrontando valores e projetos de sociedade, de modo que se torne apto a apreender o sentido de sua existência, o que deve ocorrer mediante um processo dialógico com sua experiência existencial (PERNAMBUCO, 2021, p. 249).

Isso significa que o papel da filosofia no ensino médio é promover ao estudante o estudo da existência humana, considerando, sobretudo, uma reflexão crítica sobre a realidade, analisando os contextos históricos, sociais e políticos nos quais se vive. Diante disso, a atenção também deve se voltar para as interações do homem com o mundo, isto é, para suas escolhas, valores, modos de vida e projetos de sociedade, a fim de que o estudante desenvolva uma postura crítica frente a esses aspectos da existência. Assim, a finalidade fundamental desse objetivo é ajudar o aluno a compreender o sentido de sua própria existência. Ademais, como pontuado pelo *Curriculum*, todo esse processo deve ocorrer por meio de um diálogo com a própria existência do estudante.

A partir desse objetivo, competências e capacidades intelectuais próprias da educação filosófica são desenvolvidas. De acordo com o *Curriculum de Pernambuco* (2021), essas

competências e capacidades são: 1) Compreensão da condição humana, que se refere diretamente ao sentimento de existir do homem no mundo; 2) Problematização da racionalidade teórica, na qual se analisam o conhecimento, suas possibilidades, incertezas e limites da racionalidade humana; e, por fim, 3) Articulação da racionalidade prática, comunicativa e emancipatória, voltada para o aprendizado de saberes éticos e políticos que remetem à sobrevivência do homem, à condição de existência da pessoa e à vida cidadã.

Contudo, uma exigência permeia toda a organização curricular. Trata-se de um dos temas transversais e integradores do Currículo: a Relação de Gênero (Parecer CNE/CEB nº 07/2010, Resolução CNE/CEB nº 02/2012, Lei nº 11.340/2006 — Lei Maria da Penha, Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, 2006, Instrução Normativa da SEE nº 007/2017 e Portaria MEC nº 33/2018). A presença da pauta sobre “Relação de Gênero” visa trazer uma perspectiva de sistema escolar inclusivo, que combata discriminações e desigualdades, oferecendo reconhecimento e valorização equivalentes para homens e mulheres.

No entanto, quando olhamos para o currículo — neste caso, para o cânone selecionado de filosofia — e constatamos a ausência de filósofas, surge a necessidade de questionar se não há uma problemática frente às promessas e fundamentos que constituem o documento. Diante disso, uma maneira de levar essa exigência a sério e transformá-la em realidade concreta é atentar para a inserção de mais mulheres filósofas enquanto conteúdo da disciplina. Nesse sentido, proponho o pensamento de Lou Salomé como um conteúdo filosófico apto para ser ensinado no ensino médio e coerente com o objeto de estudo de filosofia determinado pelo Currículo, bem como com as competências e capacidades que o estruturam.

Antes de demonstrar a maneira como o pensamento de Salomé se relaciona com o objeto de estudo de filosofia, as suas competências e capacidades e, portanto, a maneira como ela poderia ocupar o currículo e ser ensinada nas salas de aula de filosofia, é preciso, primeiro, entender o seu pensamento filosófico como um todo. Indiscutivelmente, o elemento que perpassa todas as produções de Lou Salomé e se revela como o traço marcante de sua filosofia é o amor à vida, seja na alegria ou no maior grau de sofrimento. Sob esse viés, buscamos evidenciar o caminho que ela percorre para realizar esse ato afirmativo da imanência, segundo o qual o valor da vida não reside em um além transcendental, mas sim na existência tal como ela é.

Na concepção de Lou Salomé, a cultura ocidental impõe a necessidade de uma afirmação individual constante, resultando na perda do reconhecimento do mundo em sua totalidade e de si mesmo como parte constitutiva do cosmos. Por essa razão, ela afirma que o

nascimento seria uma experiência de desaparição. Segundo essa perspectiva, tornamo-nos um pequeno fragmento que deve lutar para afirmar-se em um mundo adverso. A relação da humanidade com o mundo exterior imanente, portanto, é diretamente afetada e, em contrapartida, surge o que a filósofa chama de “*duplicata imaginária*”, em que um mundo criado “de cima” ou “de lado” passa a ser considerado a verdadeira realidade.

Essa problemática apontada pela escritora refere-se, principalmente, à religião cristã. Segundo ela, a religião ocuparia o lugar de uma “fantasia” inserida na educação da criança de modo que ela absorve a crença religiosa involuntariamente. Sobre isso, Salomé afirma:

Por isso é que também a uma criança de ontem ou de hoje — se, de algum modo estiver naturalmente cercada pela crença paterna, pelas “coisas-tidas-por-verdadeiras” — pode ocorrer que absorva a crença religiosa tão involuntariamente quanto as percepções objetivas. (SALOMÉ, 1985, p. 10)

De forma geral, portanto, o diagnóstico da filósofa russo-alemã acerca da civilização ocidental é o de que, a partir do nascimento, ocorre uma ruptura entre dois mundos. Isso porque se perde a sensação fundamental de comunhão e pertencimento à realidade imanente, enquanto o conto de fadas da religião passa a ser tomado como o mundo verdadeiro. Sob esse viés, Lou Salomé defende que a figura de Deus seria uma espécie de “instância mediadora” da realidade imanente. Através de certos artifícios — como a onipotência e a onisciência, bem como orações e expressões como “como você bem sabe” ao falar com Deus, além da famosa prece “Seja feita a sua vontade” — Deus passa a ser o narrador e o ouvinte que legitima e dá sentido aos acontecimentos. Sobre isso, Lou comenta:

Para assegurar o caráter fantástico já bastava o Deus-Ouvinte, não era preciso acentuá-lo mais; ao contrário, tratava-se unicamente de convencer-se, por assim dizer, da realidade exata. Sem dúvida, nada podia ser narrado que Deus, onisciente e onipotente, já não soubesse (SALOMÉ, 1985, p. 12)

No entanto, considerando tal cenário, ela ressalta que, em um indivíduo saudável, no momento em que este se depara com a transitoriedade da existência, naturalmente passa a questionar a existência de Deus. Acerca disso, aponta:

Uma educação demasiada “religiosa” cede por si mesma diante da crítica crescente ao percebido, do mesmo modo como a preferência exclusiva pela crença nos contos

de fadas cede diante do interesse ardente pela realidade. Se isso não ocorresse, haveria, na maior parte das vezes um atraso no desenvolvimento (SALOMÉ, 1985, p. 10)

Nesse sentido, a escritora defende a necessidade da “hora sem Deus”. Isso porque, em sua visão, é preciso que o indivíduo perca Deus para que, finalmente, possa enxergar a vida em sua realidade sensível. A esse respeito, Lou afirma: “Como se alguém tivesse sido lançado outra vez no mundo e devesse experimentar, doravante e de um vez por todas, a crua realidade.” (SALOMÉ, 1985, p. 17). Ou seja, Deus deve desaparecer, pois somente com o desaparecimento dessa instância fantasiosa a vida pode ser percebida tal como é, despojada de elementos transcendentais. Posto isso, com a ausência de Deus e a penetração irreversível na vida real, a existência passa a se manifestar como um ímpeto. Isso significa que, sob a concepção de Lou Salomé, tudo o que existe se dá de maneira intransigente e obrigatória. Aquilo que “é” de forma presente e imanente, ainda que mínimo, carrega em si a força da existência como se fosse o todo. Por isso, não demandaria nenhum tipo de justificação ou valoração frente à sua existência. Lou Salomé defende:

Como se nada demandasse justificação, enaltecimento ou depreciação suplementar junto à circunstância de sua existência como presença — assim como a importância de algo não poderia ser suprimida nem pelo assassinato nem pelo aniquilamento, sob pena de se lhe negar esta última veneração diante do ímpeto de sua existência que ele reparte conosco, porque, como nós, ele “é”. (SALOMÉ, 1985, p. 19)

A partir dessa perspectiva — segundo a qual, assim como tudo o que existe, nós também somos — o ser humano passa a ser visto como uma poeira cósmica pertencente ao todo. Dessa forma, surge uma sensação fundamental de comunhão com tudo o que existe. À luz disso, a filósofa indica um caminho de veneração minuciosa que resulta desse reconhecimento de pertencimento ao cosmos:

É concebível a flama da pertinência *sem* que nela habite a veneração, ainda que entranhada no mais invisível, na mais incógnita profundezas de nossas emoções? Mesmo o que me propus a relatar aqui, relato-o com veneração. É possível mesmo que seja *apenas* dela que se fale, não obstante muitas outras palavras se atenham à multiplicidade circundante, enquanto essa, a mais simples, espera debaixo, impronunciável. (SALOMÉ, 1985, p. 19)

Com base no pensamento de Lou Salomé, vimos que a vida se dá de maneira impositiva e obrigatória, dissociada de qualquer julgamento valorativo. Mas como, nesse sentido, seria possível afirmar a vida de maneira incondicional e sem reservas? Segundo a filósofa, por meio da criação. Ocorre que, em vista da existência ser um ímpeto, a realidade e seus acontecimentos se manifestam como uma exigência. Todavia, Salomé defende que é precisamente esse fragmento de realidade — no momento em que se choca com nossos desejos e sonhos particulares — que incita “o poeta a um poema”. Ela afirma:

Somos todos mais poetas que homens sensatos, aquilo que poeticamente *somos*, no mais profundo dos sentidos, é mais do que nos *tornamos* — e aqui não se trata de questão de valores, mas de algo que coloca de forma subjacente a necessidade irrefutável que a humanidade tem de adequar-se àquilo para que é meramente levado, tendo que tentar, nesse processo, orientar-se por si mesma. (SALOMÉ, 1985, p.25)

Sendo assim, o ato criador se faz nesse encontro entre o ímpeto do acontecimento e nossa individualidade, quando nos deparamos com o real — com o acontecimento fatalmente dado e não escolhido — e o subscrevemos enquanto o “poeta” que somos:

Mas o que há de perturbador no engendramento do ser humano não advém de considerações morais ou banais, mas sim da própria circunstância de sermos arrancados do pessoal e projetados no criatural, de sermos privados da própria decisão e dispensados dela, justamente no momento mais criador de nossa existência. Embora um equívoco parecido permeie inevitavelmente todos os nossos atos, já que subscrevemos aquilo que nos é imposto, esses dois elementos se entrechocam com extrema evidência naquilo que chamamos de ato criador. (SALOMÉ, 1985, p.25)

Sob essa ótica, a vida humana é, em consequência, uma obra poética fruto de um ventre criador, em que o ímpeto do acontecimento é transscrito por nós mesmos. A filósofa não se preocupa em descrever o que seria um ato criativo ideal, mas em afirmar a necessidade de “agarrar” o que é a vida e permanecer, do início ao fim, produtivamente nela. É na criação que surge a possibilidade de transformar acontecimentos de sofrimento e dor em afirmação da vida. Dizer “sim” e abraçar a existência sem reservas é, para Lou Salomé, fruto da criação. Nesse contexto, ela escreveu um dos seus poemas mais conhecidos, o *Hino à vida*, que caracterizou profundamente sua afirmação da vida. O poema foi posteriormente musicado por Nietzsche e apresentado como um “convite à sua filosofia”. Segue o poema:

Hino à Vida:

Tanto como se ama dois amigos/Te amo, vida misteriosa/Que tragas choro ou regozijos/Horas de sorte ou dolorosas./Eu te amo e a teus dissabores/Mesmo que me tires o alento,/Deixo teus braços sem rancores/Com adeuses de amigo atento./Com força quero-te abraçar!/Acenda em mim as tuas chamas/No afã da luta hás de deixar/ me abrir o enigma da tua trama./Milênios para ser e para pensar!// Abraça-me tu com fervor /Se sorte não vais-me dar/Pois bem, inda tens tuas dor.
(ANDREAS-SALOMÉ, 1985, p. 29)

Ademais, Lou Salomé, em vários momentos de sua obra, transforma a dor em grandiosidade, que deve ser vivida em seu íntimo, assumindo, assim, uma postura afirmativa frente à vida em sua totalidade.

Outra questão fundamental no pensamento de Salomé e que dialoga diretamente com o tema da afirmação da vida imanente é sua crítica ao racionalismo. A esse respeito, Krauss (2024) afirma que a filósofa se opõe à ideia de que a realidade pode ser plenamente apreendida ou explicada pela razão. Isso porque, em sua ótica, a razão não acessa a experiência vivida: ela a descreve e analisa. Ou seja, Lou Salomé entende o racionalismo como uma visão mecânica da existência, que fragmenta e reduz a realidade, sendo incapaz de captar sua totalidade. Ademais, quando a razão tenta explicar a realidade, acaba recaindo em contradições e absurdos que podem ser percebidos na moral, nas instituições e nas convenções da cultura ocidental, que, segundo a autora, são produtos dessa razão cristalizada e provocam uma negação da vida terrena.

Em contrapartida a essa racionalidade que divide e exterioriza a vida, Salomé afirma a existência como experiência imediata, pautada não no conceito e na análise, mas no corpo, na sensação e no afeto. Dessa maneira, ela passa a valorizar o corpo, os impulsos e a sensação, em oposição à racionalidade intelectualizada. Para ela, conhecer a vida não é explicá-la por meio da razão, mas vivê-la em sua plenitude criadora.

Diante dessa análise geral do pensamento de Lou Salomé, ao olharmos para o principal objeto de estudo da filosofia no *Curriculum de Pernambuco* — que gira fundamentalmente em torno da condição da existência humana por meio de um processo dialógico com a experiência existencial dos estudantes (PERNAMBUCO, 2021, p. 249) — já é possível perceber a relação com a filosofia da autora russo-alemã. Isso porque ela defende uma existência que, em oposição ao racionalismo, deve ser vivida e compreendida a partir da experiência concreta do sujeito. Sob esse viés, é preciso experimentar e refletir sobre a própria vivência para compreender a condição existencial.

Essa posição filosófica corresponde diretamente ao que o Currículo propõe ao aluno: refletir e compreender a condição humana por meio da própria experiência. Considerando isso, entendemos que o pensamento de Lou Salomé é capaz de corresponder integralmente às três competências da disciplina de filosofia, promovendo o reconhecimento da condição humana a partir da experiência existencial de cada estudante.

No que diz respeito à competência da Compreensão da Condição Humana, o pensamento de Lou Salomé se apresenta como um conteúdo extremamente adequado para ser trabalhado e provocar reflexões nos alunos. Como vimos, a filósofa concebe o ser humano como parte do cosmos, um fragmento pertencente ao todo. Assim, é necessário afastar-se de valores transcedentes e observar a realidade tal como ela é, despojada de crenças pré-estabelecidas e de julgamentos morais. A partir disso, torna-se possível alcançar o sentimento de pertencimento e reconhecer a condição humana no mundo. Desse modo, apresentar essa visão conduz diretamente o estudante a refletir sobre perguntas como: “O que significa existir?” e “Qual é o meu lugar na existência?”, estimulando-o a analisar sua própria condição no mundo.

Quanto à competência da Problematização da Racionalidade, que visa capacitar o estudante a questionar o conhecimento, suas possibilidades e limites, defendemos que a filosofia de Lou Salomé favorece esse processo. Isso ocorre na medida em que a autora critica o racionalismo ocidental, denunciando que essa racionalização fragmenta e aliena, sendo incapaz de abranger a vida como um todo. Ela identifica a religião, os valores e a moral ocidental como produtos dessa razão cristalizada. Dessa forma, utilizar sua visão permite aos estudantes: 1) questionar os limites da racionalidade como único instrumento de conhecimento; 2) problematizar valores, ética e instituições da cultura; e 3) valorizar outras formas de relacionar-se com o mundo, por meio do corpo, da sensibilidade e dos afetos. Assim, é possível perceber que o pensamento da filósofa é compatível com essa competência.

Quanto à última competência, referente à Racionalidade Prática, Ética e Emancipatória, que prepara o estudante — ética e politicamente — para o exercício da cidadania, também compreendemos que a concepção de Salomé pode funcionar como um conteúdo estimulante. Isso se evidencia, por exemplo, em sua crítica ao cristianismo: ela defende que é preciso afastar-se da instância mediadora (Deus) entre o sujeito e o mundo real, para que o indivíduo possa assumir sua existência, responsabilizando-se por seu viver, por interpretar e criar seu próprio sentido no mundo. Sem dúvidas, há um forte potencial emancipador nessa concepção. Assim, ao ser apresentada em sala de aula, pode contribuir

diretamente para reflexões sobre autonomia existencial, pensamento crítico e protagonismo emancipador, na medida em que o estudante é instigado a interpretar e criar seus próprios valores.

Em suma, diante do exposto, torna-se evidente que a filosofia de Lou Salomé, além de representar a presença de um pensamento feminino no cânone — atendendo, assim, ao tema transversal de gênero presente no Currículo — também se alinha diretamente ao objeto, às competências e às capacidades da disciplina de filosofia no Ensino Médio. Dessa forma, seu pensamento é plenamente cabível como conteúdo em salas de aula, ampliando o repertório e promovendo uma educação mais inclusiva e representativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho teve como objetivo evidenciar que a ausência de Lou Andreas-Salomé no currículo de filosofia não é um fenômeno isolado ou acidental, mas parte de um processo histórico marcado por apagamentos e hierarquizações, que silenciaram a participação de mulheres na história da filosofia. Como procuramos demonstrar, Salomé foi reduzida, sobretudo, a um papel biográfico, definida pela relação com figuras masculinas, especialmente Nietzsche, e raramente reconhecida em sua condição de filósofa autônoma, autora de uma obra vasta e profundamente original.

Ao examinarmos a desigualdade de gênero presente no cânone filosófico e no currículo escolar, fica claro que essa ausência de mulheres filósofas é um sintoma da permanência de estruturas patriarciais e coloniais que determinam quais vozes são autorizadas a ocupar o espaço do saber. Em consonância com isso, a invisibilização de Lou Salomé revela um problema estrutural que demanda não apenas reconhecimento histórico, mas uma revisão crítica das escolhas curriculares que orientam o ensino de filosofia. Assim, superar esse déficit implica um trabalho, necessariamente, realizado pela própria filosofia, em que essa deve revisitá-lo e criticá-lo, tensionar seus fundamentos e incorporar perspectivas plurais que refletem, sobretudo, na identificação de alunas com figuras femininas intelectuais.

Diante desse cenário, ao realizarmos uma análise acerca do pensamento filosófico de Lou Salomé em consonância com o objeto de estudo de filosofia, suas competências e habilidades de acordo com o Currículo de Pernambuco, tornou-se evidente que sua obra dialoga diretamente com as finalidades formativas do ensino médio. Além disso, também oferece contribuições valiosas para o desenvolvimento de uma compreensão ampla da condição humana, para o exercício da problematização crítica e para a formação ética e

emancipadora dos estudantes. A atitude afirmativa frente à vida, sua crítica à alienação racionalista e sua defesa de uma existência sensível e criadora constituem conteúdos capazes de fomentar reflexões profundas, que correspondem a cada competência e de grande potência pedagógica.

Esperamos, assim, que com este trabalho possamos colaborar para o fortalecimento do debate acerca da presença de mulheres filósofas na educação básica, incentivando a construção de um cânone filosófico que reconhece a diversidade do pensamento filosófico e assegura para as mulheres o direito de se verem representadas e legitimadas no âmbito do saber.

6. REFERÊNCIAS

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Minha vida**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. Tradução de Nicolino Simone Neto e Valter Fernandes.

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Reflexões sobre o problema do amor e O erotismo**. São Paulo: Landy Editora, 2005. Tradução de Antônio Daniel Abreu.

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Sobre o tipo feminino e outros textos**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2022. Tradução de Renata Dias Mundt.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **Humana, demasiada humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

KRAUS, Katharina. **Lou Andreas Salomé (1861–1973)**. In: GJESDAL, Kristin; NASSAR, Dalia (eds.). The Oxford Handbook of Nineteenth-Century Women Philosophers in the German Tradition, p. 195-219. Oxford: Oxford University Press, 2024.

LIMA, Ana Lorena Bandeira. **A participação das mulheres na filosofia: do silenciamento à visibilidade na escola**. In: SEMINÁRIO REGIONAL DE DOCENTES, 2021, Santa Quitéria. Anais [...]. Santa Quitéria: CREDE 07, 2021.

MECHIÇO, Rosa Alfredo. **Ensino de filosofia face ao preconceito e exclusão da mulher no corpus filosófico**. Problemata: Revista Internacional de Filosofia, v. 11, n. 3, p. 101-125, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v11i3.53845>.

PERNAMBUCO. Currículo de Pernambuco: **Ensino Médio. Recife: Secretaria de Educação e Esportes, 2021**. Disponível em: <https://www.educacao.pe.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2025.

ROSA, Graziela Rinaldi da. Gênero, **Filosofia e a exclusão das mulheres filósofas**. In: WILKE, Valéria Cristina L. (org.). Filosofia e gênero. 1. ed. e-book. Toledo: Instituto Quero Saber, 2024. p. 87-98. (Coleção do XIX Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF). ISBN 978-65-5121-059-4. DOI: <https://doi.org/10.58942/eqs.103.05>.

SILVA, Shayane Vitória; ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. **A filosofia e as mulheres: o apagamento do pensamento feminino na Filosofia.** Revista Relicário, Uberlândia, v. 7, n. 14, p. 45-60, jul./dez. 2020. ISSN 2358-8276.

TOLENTINO, Joana. **Entre filósofas: gênero, decolonialidade e o lugar de fala das mulheres na filosofia.** Revista Estudos de Filosofia e Ensino, v. 1, n. 1, p. 92-103, 2019. ISSN 2763-5759.

TOLENTINO, Joana. **Existem filósofas? Vozes de mulheres invisíveis.** Ensaios Filosóficos, Rio de Janeiro, v. XVI, p. 1-15, dez. 2017.